

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**O Desenvolvimento da Economia Sueca  
Séc. XIX - XX**

VINICIUS SILVADO  
matrícula nº 105046167

ORIENTADOR: Prof. Alcino Ferreira Camara Neto

Março 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**O Desenvolvimento da Economia Sueca  
Séc. XIX - XX**

---

VINICIUS SILVADO  
matrícula nº 105046167

ORIENTADOR: Prof. Alcino Ferreira Camara Neto

Março 2010

*As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do autor*

## AGRADECIMENTOS

Sem dúvida a muitos devo agradecimentos. Assim, sou grato a todos aqueles que me incentivaram e ajudaram, de qualquer maneira, a chegar até aqui e a ser quem sou.

Primeiramente, agradeço a minha família pela educação, valores, princípios, ética, e convivência; assim como pelo apoio, tanto amoroso quanto financeiro. Especialmente a minha mãe Sonia Silvado, irmã Julia Silvado e avó Yonette Silvado, por tudo o que me proporcionam, pelo incentivo, paciência e por acreditarem em mim, assim como meu pai Claudio Nascimento e avós.

Aos meus professores, pelo ensino de qualidade o qual usufruí. Em especial, ao professor Alcino Ferreira Camara Neto, meu orientador acadêmico, pela atenção, pelos materiais, e por toda ajuda que me proporcionou.

Aos meus amigos da faculdade, principalmente os que me ajudaram nas vésperas de prova, e nos momentos de desespero como Caroline Zimmerman, Carla Curty, Edinam Afua, Letícia Barbosa, Bruno Botafogo, Bernardo Nunes, Diana Matos, dentre muitos outros.

Agradeço a minha namorada, Theebah Silvadora, pelo carinho, atenção e que me apoiou e incentivou no término da faculdade.

Enfim, agradeço a todos que foram especiais e me ajudaram a realizar o sonho de me formar economista.

Muito obrigado!

## **RESUMO**

O presente trabalho analisa os principais condicionantes do desenvolvimento da economia sueca, analisando os fatos históricos que se sucederam e as principais políticas adotadas, assim como o papel do Estado neste processo e as instituições sociais, abordando a entrada da Suécia no cenário mundial, o desenvolver de suas indústrias e meios de comunicação, agricultura, o país durante as duas guerras mundiais, a ascensão do Partido Social Democrata, dentre outros; realizando um balanço geral da economia do país desde o final do século XIX ao início do século XX.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO I – OS PILARES DA ECONOMIA SUECA .....</b>	<b>7</b>
I.1 – O DESENVOLVIMENTO INCIPIENTE - SÉCULO XIX - INÍCIO XX .....	7
I.1.1 – O "DESPERTAR" DO PAÍS: A ENTRADA DA SUÉCIA NO CENÁRIO INTERNACIONAL E O INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO.....	7
I.1.2 – CAPITAL DE EM PRÉSTIMO .....	9
I.2 – AS PRINCIPAIS INDÚSTRIAS E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	10
a) <i>A Heterogeneidade Industrial</i> .....	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
b) <i>As Indústrias Florestais</i> .....	11
c) <i>Os Meios de Comunicação</i> .....	13
I.3 – MERCADO DE CRÉDITO E VAREJISTA .....	16
a) <i>O Fornecimento de Capital e o Sistema de Crédito</i> .....	16
b) <i>O Comércio Varejista e as Cooperativas de Consumidores</i> .....	18
c) <i>Crescimento Populacional e Renda Nacional</i> .....	19
d) <i>A Agricultura</i> .....	21
<b>CAPÍTULO II – A DESINTEGRAÇÃO DA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX .....</b>	<b>24</b>
II.1 – O INÍCIO DO SÉCULO XX: UM PARALELO .....	24
a) <i>A Primeira Guerra Mundial</i> .....	25
b) <i>O Período Entre-Guerras</i> .....	26
c) <i>A Segunda Guerra Mundial</i> .....	27
d) <i>A Agricultura</i> .....	28
e) <i>O Comércio Exterior, os Movimentos de Capitais e o Padrão de Vida</i> .....	29
<b>CAPÍTULO III – POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>30</b>
III.1 – O INTERVENCIÓNISMO INCIPIENTE DO ESTADO .....	30
III.1.1 – AS POLÍTICAS COMERCIAIS PROTECIONISTAS E DE SUBSÍDIOS .....	30
III.1.2 – AS PARCERIAS PÚBLICO-PRIVADAS.....	32
III.2 – REGULAMENTAÇÕES TRABALHISTAS.....	33
<b>CAPÍTULO IV – O PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA SUECO E AS MUDANÇAS NA ECONOMIA</b>	<b>36</b>
IV.1 – POLÍTICA SALARIAL E DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL .....	36
IV.2 – POLÍTICAS DE EMPREGO .....	37
IV.3 – O PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA .....	38
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

Diante do atual padrão de Welfare State encontrado na Suécia, discrepante da maioria dos outros países, é de suma importância analisar os caminhos percorridos para a chegada ao seu atual nível sócio-econômico: suas políticas econômicas, industriais e comerciais (regimes tarifários e incentivos fiscais) e o papel do Estado neste processo, cujo *kick-off* aconteceu no período entre - guerras.

Apesar da sua reputação defendida pela atual ortodoxia como de um país que adota o livre-comércio, e que por isso teria alcançado o nível de desenvolvimento atual, os fatos históricos nos demonstram que este não foi o regime adotado pelo país ao longo do tempo.

Já no século XIX observamos a intervenção estatal proibindo a importação e a exportação de determinados itens, além de proteção tarifária e subsídios visando o desenvolvimento da indústria local, defendendo-a dos produtos oriundos dos países mais desenvolvidos como Bélgica e Inglaterra.

Além de inúmeros subsídios e apoio a Pesquisa e Desenvolvimento, dando impulso ao desenvolvimento de certas indústrias nascentes, foram adotados mecanismos como o da Parceria Público-Privada nunca antes vista no mundo. O Estado também atuou na concessão de bolsas de estudo e pesquisa tecnológica financiados pelo governo para obtenção de tecnologia externa avançada; tal estratégia contribuiu para o sucesso inicial do desenvolvimento industrial sueco e foi de caráter raro em relação às políticas adotadas nos outros países.

As instituições de bem-estar social foram responsáveis pela redução de tensões sociais e deram mais legitimidade ao sistema político, melhorando o ambiente para investimentos no longo prazo.

O Estado também interviu no mercado de trabalho buscando padronizá-lo aprimorando a qualidade de vida e a regulamentação dos trabalhadores e crianças, trazendo melhorias para toda

a sociedade, que se julga terem sido essenciais no processo de desenvolvimento industrial do país.

A Suécia foi um dos lugares onde se observaram as respostas mais audaciosas para a crise da década de 30 pelas lideranças políticas reformistas. Embarcou em programas de expansão dos gastos públicos, mesmo sob o risco de déficit público como solução emergencial para poder criar emprego em projetos públicos, e para melhorar a seguridade social popular, estimulando a demanda dos consumidores, investimentos privados e reemprego.

A partir de 1936, a Suécia tornou-se uma economia de pleno-emprego com altos níveis de gasto público destinado a promover o bem estar dos trabalhadores, realizando ainda intervenções no mercado de trabalho com intuito de promover a mobilidade dos trabalhadores.

Não havia grupos privilegiados, as estratégias eram destinadas ao crescimento da economia como um todo em nível nacional, visando atender a demanda do maior número de grupos sociais possível.

# CAPÍTULO I- OS PILARES DA ECONOMIA SUECA

## **1.1 - O Desenvolvimento Incipiente - Século XIX – início XX**

Ao longo da segunda metade do século XIX vários países europeus iniciam e aprofundam o seu processo de industrialização, o que gera impactos sobre suas taxas de crescimento. Na Suécia, reconhece-se o caráter tardio deste processo em relação aos vizinhos europeus e a relevância do setor externo para detonar este processo.

Em particular, a tomada de empréstimos do exterior e o *boom* exportador devem ser enfatizados.

### **1.1.1 - O “Despertar” do País: A Entrada da Suécia no Cenário Internacional e o Início de Seu Desenvolvimento**

Um aspecto que espelha a inserção do país no cenário mundial ocorrida no século XIX é a sincronização ou reflexão interna das flutuações econômicas ocorridas no mundo que passaram a ser sentidas internamente, fazendo com que o país fosse impactado e, portanto, refletisse regularmente os ciclos de negócios mundiais. Ainda que, na maioria das vezes, as amplitudes destas flutuações fossem menores que a dos outros países, dificilmente não eram sentidas internamente.

A natureza dos principais bens exportados aumentava a sensibilidade frente aos distúrbios estrangeiros, por serem compostos por insumos utilizados no processamento industrial como a madeira e ferro, mais sujeitos a violentas flutuações que os bens de consumo.

Uma terceira questão foi o relativo crescimento do comércio exterior sueco. Novas importantes commodities surgiram e importações cresceram mais que as exportações, fato compensado pela entrada de capital externo. Uma estimativa aproximada mostra que o volume sueco de importações em 1914 foi trinta vezes mais alto que em 1830 e que o volume de exportações vinte e seis vezes mais alto. Esta taxa de crescimento excede consideravelmente a britânica; diferença devida principalmente ao desenvolvimento tardio do estado sueco (MONTGOMERY, 1978).

Possivelmente a mudança mais fundamental de todas foi o notável aumento do intercâmbio externo de informação científica e tecnológica. O crescimento de pesquisa industrial e o aparecimento de uma crescente literatura tecnológica, com inúmeros periódicos, foram cruciais na propagação de novas técnicas e descobertas.

Esta disseminação de informações culminou com a revolução tecnológica do século XIX, que teve como efeito mais profundo a mudança da natureza do desenvolvimento econômico. Em primeiro lugar a produção de meios de produção e a infra-estrutura sofreram um incremento em termos quantitativos e qualitativos. Houve uma grande melhoria nos equipamentos mecanizados, mas a mudança mais significativa foi nos sistemas de transmissão de água, gás, e força elétrica.

Paralelamente ao aumento do consumo de ferro devido aos novos mecanismos de produção, observou-se um crescimento da produção para exportação, conjuntamente com o aumento da demanda por recursos florestais voltados principalmente para construção.

Outra característica básica deste século foi a revolução nos meios de comunicação, que segundo Heckscher (1968): “*Transport was actually one of the areas which benefited most from the technical upsurge*” (p.223), fazendo com que o relativo isolamento dentre as províncias suecas chegasse a um fim.

A industrialização do país também é refletida nas estatísticas populacionais. A população agrícola não mostrou declínio relativo antes de 1870 quando ainda era de 72,4%. Apenas a partir de 1880 é que começa sua contração em termos percentuais. O censo de 1910 foi o primeiro a indicar que esta fatia da população era inferior a urbana (48,8%), ou seja, em quarenta anos a população rural caiu de três quartos da população para algo como um pouco menos da metade. Em 1936 a indústria já empregava mais do que a agricultura. Nesta data o percentual desta população representava, em termos percentuais, metade do que havia sido em 1870 (THOMAS, 1941).

A partir da urbanização do país observaram-se melhorias na saúde pública e assistência médica, reduzindo a taxa de mortalidade infantil, promovendo um aumento populacional e um melhor

padrão de vida e da dieta alimentar. Porém este aumento do número de habitantes não chegou a superar o aumento da produção, tendo sido um elemento de estímulo a este.

### **1.1.2 - Capital de Empréstimo Externo**

A importação de capital não foi algo novo para o país, como já observado com os importadores estrangeiros de ferro da Suécia que financiavam as exportações suecas nos portos marítimos, possibilitando-os a estender o crédito para os produtores. Entretanto, a escala em que ocorreu a partir do século XIX foi extremamente maior.

Acima de tudo, não era mais uma questão meramente de fornecimento de crédito de curto prazo; muitos empréstimos foram feitos com emissões de prazo relativamente mais longo, e a uma esmagadora parte destes eram realizadas pelo governo com finalidade de construção de ferrovias tendo como resultado o aumento do volume de crédito a juros baixos (DAVIDHEISER, 1992).

O crédito externo também se destinava ao setor privado, contribuindo para o financiamento de bancos hipotecários na década de 1850, de companhias e de ferrovias privadas, mas diante do montante de empréstimos do governo, os primeiros foram insignificantes, conforme é destacado por Heckscher (1968):

*“Some private entrepreneurs actually did borrow abroad; foreign capital contributed to the financing of the mortgage banks [...] mining company, and of certain private railroads. But compared to the government’s flotations, private borrowing remained completely insignificant”. (p.211)*

Este fluxo foi crescente até 1910, pouco antes da Primeira Guerra Mundial. O fato de o país ter permanecido fora da guerra enquanto seus principais credores estavam envolvidos, resultou numa mudança de posição do mesmo em relação aos outros, tornando-se um país exportador líquido de capital.

## **1.2 - As Principais Indústrias e os Meios de Comunicação**

O desenvolvimento industrial foi, como já podemos intuir pelas estatísticas apresentadas acima sobre o deslocamento da população do campo para a cidade e do emprego rural para o emprego industrial, um dos motores do crescimento econômico no período. Nas páginas que se seguem vamos discriminar os setores e as características da expansão industrial

### **a) A Heterogeneidade industrial**

O crescimento da produção industrial ao redor do mundo e especialmente na Inglaterra criou uma demanda por bens de capital, e com isso por ferro e aço, estimulando a produção de ferro por parte da Suécia (grande produtora da época), impulsionando, pois, o aprimoramento das técnicas de fabricação de aço, e assim, alavancando as exportações.

O próximo importante desenvolvimento foi a introdução da força elétrica para o aquecimento de fornos e forjas de aço, que se tornaram os meios de produção a partir da primeira década do século XX (MONTGOMERY, 1978).

Segundo Montgomery, esta inovação foi uma inovação essencial para um país rico em energia hidroelétrica, mas pobremente dotada de combustíveis minerais (ao contrário de sua vizinha Noruega<sup>1</sup>), fazendo com que a produção anual por fornos de 1861 a 1949 tenha aumentado vinte e sete vezes e a produção diária quase doze vezes, fabricando, assim, produtos de qualidade superior.

O processo de industrialização fez com que houvesse um redirecionamento da produção da indústria de ferro em direção ao mercado doméstico, fazendo com que de 1871-75, 1911-15 e 1936-40, o montante exportado fosse de 82,7%, 65,3%, 37,4% respectivamente do total. Conquanto reorientações similares acontecessem em outras indústrias neste período, esta merece atenção especial pelo fato de ter sido durante muitos séculos, direcionada ao mercado externo, demonstrando o desenvolvimento progressivo do país (HECKSCHER, 1968).

Ao longo do século XVIII as fábricas foram encorajadas pelo governo de todas as formas imagináveis. No decorrer do século XIX, o apoio estatal ficou restrito à proteção tarifária

---

<sup>1</sup> Durante parte do período a Noruega pertenceu a Suécia (1814 – 1905).

moderada, enquanto o desenvolvimento foi deixado para o mercado privado. A ascensão industrial está associada a demanda por bens de capital, especialmente maquinaria. Recursos naturais e a tradição da indústria de ferro foram certamente importantes pré-requisitos para este desenvolvimento, além do fato dos suecos terem obtido sucesso na indústria de engenharia, com a difusão e aprimoramento de invenções mecânicas.

Já no século XX viu-se a criação de inúmeras novas empresas de engenharia suecas mundialmente reconhecidas. O valor total de suas exportações excedeu a de minério de ferro inúmeras vezes, passando a representar algo em torno de 25-30% do total de exportações do país, sendo ultrapassadas apenas por produtos florestais. Pertencem a esta categoria produtos como telefones, máquinas eletrônicas, eletrodomésticos, rolamentos, fósforos, materiais ferroviários, navios e etc. Firmas suecas que se estabeleceram em diversos países na maioria das vezes pertencem a este grupo heterogêneo, como SKF (rolamentos), Ericsson (telefonia), AGA (gases industriais), Electrolux (eletrodomésticos), Swedish Match (fósforos) e assim por diante (HECKSCHER, 1968).

#### **b) As Indústrias Florestais**

A floresta sueca foi a base pela qual, durante o século XIX, uma das maiores ramificações da indústria sueca foi construída.

A ascensão da indústria madeireira foi impulsionada pela grande demanda da Noruega, cujas reservas haviam sido bruscamente reduzidas, além obviamente da demanda direcionada à industrialização e particularmente a multiplicação de cidades inglesas. Cabe ressaltar a vantagem sueca de dois de seus maiores produtos de exportação, ferro e madeira serem complementares ao invés de commodities competitivas entre si. Igualmente importante foi a mudança na política inglesa – maior potência da época – com a adoção do livre comércio e a abolição da preferência colonial, que foi completada com a anulação do Ato de Navegação em 1849, além da redução da tarifa sobre a madeira em 1842 e 1851 (MONTGOMERY, 1978).

Para Heckscher (1968), estes desenvolvimentos na política comercial coincidiram com a introdução das serras a vapor, na seguinte afirmação “*The steam saw was in fact one of the major contributions of the industrial revolution in Sweden*” (p.226); pois previamente as serras

eram limitadas a localidades próximas aos rios onde rodas de água poderiam ser colocadas. Simultaneamente, uma grande melhoria ocorreu no transporte da madeira com a limpeza de rios para flutuação, possibilitando também, a ampliação do uso das serras a vapor. Isso possibilitou dois grandes *booms* na indústria madeireira nas décadas de 1850 e de 1870, com crescimento a ritmo americano.

A indústria madeireira teve que atrair trabalhadores de outras partes do país, criando pequenas comunidades. Tal fato aumentou o povoamento ao longo do país, e posteriormente levou a necessidade do aumento do número de estradas e ligamentos entre as novas cidades.

Grande parte da floresta era de propriedade estatal, mas o Parlamento de 1823 decidiu transferir parte das terras estatais para o setor privado.

Em algumas regiões do norte do país as explorações do governo não estavam claramente separadas das florestas campesinas. Assim, o primeiro passo foi, portanto delimitar os direitos de propriedade, diminuindo as explorações nas mãos do governo e criando coalizões de explorações público-privadas, aumentando progressivamente a posse de terras nas mãos dos camponeses. A acumulação de capital nestas empresas de exploração possibilitou a preservação e desenvolvimento dos recursos florestais suecos, num período em que as florestas de muitos outros países eram impiedosamente exploradas e aniquiladas (SÖDERLUND, 1948, p.56-7; HECKSCHER 1968, p.226-7).

Como exportadora, a indústria madeireira nunca atingiu a proeminência da indústria de ferro em seu apogeu, que chegou a alcançar 75% do total exportado, enquanto a primeira, junto com seus derivados, jamais atingiu percentuais superiores a 40-45% do total das exportações. Mesmo assim, isto não impediu o fato da indústria madeireira ter se tornado líder exportadora no final do século XIX. Quando esta estagnou, a indústria de celulose apareceu, fazendo com que pouco antes da Primeira Guerra Mundial o país se tornasse líder mundial de exportação de celulose. A combinação de madeira e derivados passou a constituir 45-50% do total exportado, permanecendo neste nível mesmo depois da Segunda Guerra Mundial (MONTGOMERY, 1978).

### **c) Os Meios de Comunicação**

É difícil avaliar se a revolução nos transportes foi mais ou menos importante para o processo de industrialização que as políticas de comércio exterior, especialmente quanto ao transporte terrestre. A falta de um sistema rodoviário desenvolvido foi sempre um grande problema para um país tão extenso e escassamente povoado como a Suécia.

O problema foi ainda mais sério na base da indústria pesada sueca, em Bergslagen. Os métodos de transporte de carga pesada eram muito primitivos, mostrando a gravidade do problema. Durante muitas décadas o meio de transporte mais usado era através de vagões puxados a cavalo com uma combinação entre vias fluviais e terrestres, sendo estas construídas para servirem de conexão entre as primeiras.

O criador da rede de transportes moderna na Suécia foi Nils Ericsson, um líder nato que desenvolveu o projeto de uma rede ferroviária completa e trabalhou intensamente para realizar seu plano. Ele queria que o Estado controlasse as linhas principais das redes ferroviárias. Assim, as linhas privadas ligadas às estatais, não teriam escolha senão aceitar as políticas ditadas pelo governo. Sua idéia principal era que as ferrovias estimulariam o desenvolvimento da economia nas regiões do país que devido à ausência de meios de comunicação, foram deixadas para trás (DAVIDHEISER, 1992).

Com isso, as estações de trem tornaram-se núcleos de muitas novas comunidades que surgiram ao longo das ferrovias, criando novos centros urbanos no país.

Na década de 1870, o país foi influenciado com o aumento internacional das construções de ferrovias privadas, fazendo com que as empresas aumentassem suas quilometragens 6,5 vezes, enquanto as estatais apenas 3,5. No final do século XIX a extensão privada era mais do que duas vezes a estatal (MONTGOMERY, 1978).

Todas as ferrovias eram amplamente coordenadas com as estatais, sendo o percentual de utilização conjunta do Estado e de linhas privadas definidas pelo governo, demonstrando a grande influência deste na estrutura geral.

Apesar dos muitos inconvenientes que, muitas vezes, caracterizam este sistema misto, ele foi considerado satisfatório, combinando iniciativa privada e local com unidades nacionais de administração e controle.

Posteriormente a situação mudou. Muitas ferrovias de pequeno porte depararam-se com dificuldades para competir com as rodovias, e o governo através do avanço dos empréstimos substanciais para ferrovias privadas, adquiriu um interesse em sua operação. Segundo Heckscher (1968):

*“At the same time, faith in state ownership and management increased. The result has been a gradual nationalization of most of private railways so that by now the state network covers practically the whole country” (p.243)*

Conforme o autor, houve uma nacionalização das ferrovias que passaram progressivamente para o controle do Estado.

No início, as ferrovias estatais foram principalmente financiadas por empréstimos estrangeiros, mas, para algumas linhas, especialmente para aquelas sem condições de financiamento próprio, receitas fiscais consideráveis foram utilizadas, fazendo com que a rede estatal sempre fosse capaz de atender seus empréstimos estrangeiros. Sem dúvida, a posição do governo sueco em relação ao mercado de capital estrangeiro foi fortalecida por esta política.

No caso das ferrovias privadas, o financiamento ocorreu de forma mais complexa. Uma grande quantidade foi emprestada pelo Estado, autoridades locais e várias instituições de crédito, e algum capital foi levantado no mercado de ações. Em muitos casos, as contribuições foram determinadas pelo interesse local sem expectativas de dividendos reais, mas apostando suas esperanças no desenvolvimento econômico geral na área. (MONTGOMERY, 1978)

Depois da resistência popular inicial em relação às ferrovias, o entusiasmo foi tamanho, que estas eram muitas vezes esperadas para trazer prosperidade mesmo para regiões sem qualquer pré-requisito para o desenvolvimento econômico.

Os impactos das ferrovias na distribuição regional da população demonstraram que o principal efeito foi sentido antes de sua conclusão, através da migração da força de trabalho e das

expectativas despertadas pelos programas de construção. Uma vez em operação, as ferrovias atraíram a população para as estações ferroviárias e especialmente para os entroncamentos. Em contrapartida, o efeito geral no desenvolvimento econômico do país foi enorme.

Foi extremamente importante num país extenso como a Suécia, que suas várias regiões fossem conectadas. O impacto da construção das ferrovias foi, por isso, provavelmente mais forte nas regiões mais remotas do país, embora a rede fosse relativamente esparsa em algumas localidades.

O surgimento do carro a motor e o crescimento do transporte rodoviário puseram um fim na expansão do sistema ferroviário. Seu crescimento foi completamente parado e em alguns casos a rede foi até reduzida.

No transporte aquático, as mudanças ao longo do século XIX foram menos revolucionárias que as terrestres. As tecnologias desenvolvidas neste campo alcançaram o país tardiamente. No entanto, no início da década de 1890, a frota sueca progrediu rapidamente, as embarcações à vela foram substituídas por barcos a vapor e outras embarcações motorizadas e as companhias marítimas aumentaram consideravelmente sua frota e número. No início do século XX houve o surgimento de embarcações transoceânicas sob a bandeira sueca (HECKSCHER, 1968).

A chegada do telégrafo e do telefone e suas facilidades de comunicação imediata com quase qualquer lugar do globo trouxe consigo uma redução dos riscos do comércio. Além disso, os comerciantes poderiam agora entregar a tarefa de transporte para transportadoras independentes e bem-organizadas, enquanto antes, tinham que apostar vidas e fortunas para o fornecimento de bens “além dos mares”.

Assim, as antigas casas comerciais de então ou desapareceram ou foram absorvidas por outros. Isso foi em parte o efeito de um processo de integração da economia, onde os produtores e os consumidores foram levados a um contato mais próximo. Ainda mais importante foi o deslocamento do indivíduo como um agente econômico para grandes unidades organizadas.

### **1.3 - Mercado de Crédito e Varejista**

#### **a) O Fornecimento de Capital e O Sistema de Crédito**

Como a produção industrial tendeu a ser mais intensiva em capital, a disponibilidade de capital passou a ser considerado como um dos problemas centrais para a expansão empresarial. Em um ramo como a indústria de ferro, mesmo em tempos pré-modernos a questão de como encontrar um comerciante disposto a prover crédito tinha sido extremamente difícil para ferreiros e construtores. O comerciante-credor foi substituído durante a primeira metade do século pelo mercado de capitais moderno e surgiu, com a criação de bancos independentes e com a introdução de títulos e emissões de ações a fim de levantar capital de longo prazo para o público.

Para Heckscher (1968) parece haver pouca dúvida de que o financiamento da expansão industrial em países como a Suécia seguiu o mesmo padrão que o da Revolução Industrial na Inglaterra. Os lucros, por vezes, inchados pelos semi-monopolistas, foram a principal fonte de capital. Estudos recentes de desenvolvimento sueco demonstraram como os primeiros capitães da indústria mantiveram um padrão de vida modesto, a fim de fornecer o capital necessário para expandir suas empresas.

A questão do papel do capital externo na expansão sueca é controversa.

Para Montgomery (1978) é menos evidente se o capital estrangeiro contribuiu para o financiamento. Obviamente o capital importado para a construção de ferrovias e para o estabelecimento de bancos de crédito hipotecário contribuiu indiretamente para o financiamento do setor privado através da liberação de capital nacional para outros usos. A questão é em que medida o capital estrangeiro foi usado diretamente por empresas industriais. Os dados, de acordo com Montgomery não nos permitem auferir. Em contrapartida, é bastante evidente que as grandes casas comerciais suecas contribuíram para o financiamento da expansão industrial, além de outras fontes domésticas.

Mas, em geral, não houve um mercado de capitais, daí a distribuição de capital entre os diversos setores e firmas individuais foi mais descontínua e aleatória do que seria realmente necessário.

Por volta de meados do XIX, a influência dos bancos começou a se fazer sentir, particularmente na indústria da madeira, a de mais rápida expansão entre todas elas.

Para HECKSCHER, direta ou indiretamente, a influência de capital estrangeiro foi um dos pré-requisitos mais importantes para a expansão da economia sueca durante praticamente todo o período até a Primeira Guerra Mundial. Títulos suecos detidos no estrangeiro, que eram, obviamente, apenas uma parte da dívida externa total, foram estimados em 75 milhões de coroas suecas em 1858, em 240 milhões de euros em 1870, e cerca de um bilhão no ano 1908 (FLODSTRÖM, I., apud HECKSCHER, 1968).

Embora a Grã Bretanha tenha sido sempre o maior destino para as exportações suecas, a influência daquela na economia desta foi menor do que seria esperado. Muitos engenheiros ingleses foram contratados por empresas suecas e muitas idéias foram, assim, transmitidas para o país. No ramo da ferrovia, além da influência dos engenheiros ingleses, algumas ferrovias privadas foram financiadas por capital inglês e muitas minas do norte foram exploradas por empresas anglo-suecas. No entanto, pelo fato da Grã Bretanha por séculos ter sido o principal consumidor dos bens suecos e o principal país industrializado da época, uma maior influência era esperada.

Hamburgo se tornou o principal credor estrangeiro da Suécia, mantendo esta posição até que a liderança francesa assumisse maiores proporções. Entre 1860 e 1910, a França tornou-se, sem dúvida, o principal mercado ofertante de capitais para o país.

O fato de a dívida externa ter sido formada principalmente pelo governo impediu interesses financeiros estrangeiros de exercer uma influência considerável sobre a economia sueca. O governo foi muito mais capaz de lidar com financiadores estrangeiros em uma base independente do que teria sido com empresários individuais.

Entretanto, mesmo onde o capital estrangeiro foi tomado diretamente pela indústria privada sueca, manteve-se um notável grau de independência de grupos financeiros estrangeiros. A explicação foi que esses financiamentos geralmente assumiam a forma de empréstimos, e raramente ações eram vendidas para estrangeiros, privando o país do talento empreendedor

estrangeiro, retardando o desenvolvimento econômico no entender de Montgomery (MONTGOMERY, 1978).

Os bancos acabaram por se tornar a principal fonte de crédito, embora não por muito tempo. A contribuição para o crédito comercial era muito limitada por parte do *Riksbank* (Banco Nacional Sueco). A estrutura tarifária era fixada pelo Parlamento e não poderia ser alterada entre sessões, enquanto o volume de crédito bancário era limitado por limites máximos fixados. Assim, não existia um mercado de crédito livre e até 1897 o crédito privado era muito mais importante. Em 1831, ocorreu uma tentativa de organização do mercado de crédito com a emergência de um sistema de bancos privados.

Para Heckscher (1968), a conclusão da construção de um sistema bancário moderno na Suécia também necessitou de uma reorganização do *Riksbank*, assim como o estabelecimento de uma distinção clara entre as funções do Banco Central e dos bancos comerciais. O *Riksbank* adotou a política inglesa de taxas de desconto flexíveis e o desenvolvimento de um verdadeiro banco central, enquanto os bancos comerciais cresceram consideravelmente.

Na conclusão deste período destacam-se os dois grupos mais poderosos da economia sueca: os líderes industriais e os grandes bancos, propagando influência na maioria dos campos da economia e fazendo com que nada novo pudesse obter êxito sem seu apoio.

#### **b) O Comércio Varejista e as Cooperativas de Consumidores**

A principal inovação no comércio sueco foi o surgimento do comércio varejista através de lojas de departamento. Ela foi projetada pelo que hoje chamamos de movimento cooperativo, baseada no princípio da atividade econômica no interesse direto do consumidor, através de empresas controladas pelos próprios consumidores. Dentro dessa organização os interesses dos produtores e distribuidores não poderiam colidir com os dos consumidores (BONOW, 1938).

Nem a teoria nem a prática das cooperativas consumidoras foram originárias na Suécia. O ideário foi trazido das cooperativas inglesa, mas no escopo e extensão, o movimento cooperativo sueco finalmente alcançou e até ultrapassou o seu preceptor inglês. As cooperativas

de consumidores se espalharam por todo o país e as lojas de cooperativas dominaram todo o mercado de varejo nas comunidades de trabalhadores industriais.

Graças à sua gestão eficiente e ágil, as cooperativas puderam penetrar em outros grupos de compradores, fazendo com que suas atividades se estendessem muito além do mero comércio a varejo. A organização nacional se transformou no maior atacadista do país, e o volume de seus negócios gerou consideráveis economias de escala.

O próximo passo seria entrar na produção. O principal desejo era quebrar o poder de vários monopólios industriais. De fato as cooperativas foram a única força capaz de lidar com os monopólios com êxito, mas nunca alcançaram nenhuma posição na produção industrial comparável com a que ocuparam na distribuição. Dentro dos limites impostos pela sua natureza, o movimento cooperativista se tornou um fator primordial na economia sueca e radicalmente diferente dos outros grupos importantes.

### **c) Crescimento Populacional, Renda Nacional**

Poucos acontecimentos durante o século que precedeu a Primeira Guerra Mundial foram mais dramáticos que o crescimento da população sueca e de sua expectativa de vida. Foi um fato que revolucionou completamente as condições de vida.

De acordo com Heckscher (1968), de 1816-40, a expectativa média de vida para um recém-nascido era dificilmente maior que 41,5 anos, em 1941-45 era de 68,3 anos, um aumento de 27 anos. Aparentemente a vida da população foi prolongada em dois terços. Obviamente esta grande mudança trouxe certos problemas.

Assim, apesar da expansão industrial a partir de 1850, a indústria estava longe de ser capaz de absorver o enorme aumento populacional. Antes de 1870, houve um ligeiro declínio na taxa de natalidade, de 3,3% para 3,0%, mas a queda na taxa de mortalidade, de 2,3% para 1,8% foi maior. Com isso, a taxa líquida de aumento não foi apenas alta, mas crescente, até que em 1870 esta ganha o elevado nível de 1,2% ao ano.

Até 1870 não há nenhuma razão para assumir que a população agrícola tenha sofrido qualquer declínio. Neste ano são disponibilizados os primeiros dados confiáveis, que mostram que 72,4% da população trabalhava na agricultura, portanto a pressão neste setor era visivelmente elevada.

Como a maior parte do aumento populacional apareceu nas áreas rurais, a ameaça de pauperização na agricultura tornou-se grave. Assim, o número de trabalhadores rurais sem-terra expandiu e o percentual relativo de proprietários de terras declinou. A economia sueca se mostrou incapaz de absorver este excesso. A solução foi a emigração para os Estados Unidos.

De acordo com Montgomery (1978), a partir de 1880 o fenômeno de emigração se tornou de certa forma permanente e permaneceu em um nível muito elevado por cerca de uma década e, em seguida revivido brevemente no início do século XX. O padrão de vida discrepante entre o Novo-Mundo e o Antigo era o principal atrativo, e as cartas e notícias vindas dos Estados Unidos aumentavam ainda mais a vontade de estar próximo de seus parentes e amigos do que de seus vizinhos na Suécia.

A emigração mudou o quadro populacional não somente nas áreas onde o êxodo estava concentrado, mas em todo o país. Não se tem números oficiais precisos da emigração, mas a situação é ilustrada por uma comparação das taxas brutas de crescimento (excesso de nascimento sobre as taxas mortalidade) e as taxas líquidas de crescimento (corrigido para a emigração), no período de maior saída.

<b>Tabela 1 - Taxas de Crescimento Sueco</b>			
	1881-85	1886-90	1891-95
Taxas Brutas de Crescimento	1,18%	1,24%	1,08%
Taxas Líquidas de Crescimento	0,51	0,43	0,56

Fonte: Heckscher (1968)

Menos da metade do aumento natural da população, que passou a ser extraordinariamente grande, permaneceu no país.

Ao lado do declínio da taxa de crescimento, o aspecto mais importante da emigração econômica foi o fato de ser a população agrícola quem deixou o país. Certamente o primeiro passo foi muitas vezes à cidade, mas quando as condições não foram mais satisfatórias do que as do meio rural, a emigração foi o passo seguinte. Além disso, foram principalmente as classes agrícolas sem terra que escolheram sair, e isso, no curto prazo, salvou o país do pauperismo agrário.

Posteriormente, a rápida industrialização e o declínio das taxas de natalidade, mesmo na ausência de emigração, provavelmente teriam eliminado uma boa parte da margem entre o padrão de vida americano e o sueco.

As massas de trabalhadores sem-terra teriam sido absorvidas pelo crescimento da indústria. A luta da terra na Suécia significou a absorção do aumento da população agrícola, em primeiro lugar pelos Estados Unidos e mais tarde pelas cidades suecas. A população agrícola começou a mostrar um ligeiro declínio no início da década de 1880. Ao longo dos cinquenta anos entre 1880 e 1930, este se reduziu a cerca de 22%. Quando, no momento da Primeira Guerra Mundial a emigração chegou ao fim, a diminuição da população agrícola não cessou, continuando inabalavelmente.

#### **d) A Agricultura**

O aparecimento dos grãos norte-americanos nos mercados europeus no final da década de 1870 impôs um duro golpe para a população agrícola sueca, pois significava a oferta de grãos mais baratos para a Europa (CHANG, 2004).

A principal causa desta “invasão” dos grãos norte-americanos na Europa foi a expansão das facilidades de transporte. Nos EUA, as ferrovias ligavam o cultivo de trigo no oeste com a costa atlântica, e o desenvolvimento da navegação transatlântica trouxe uma enorme queda nas taxas de frete. Naturalmente, as tarifas mais baratas para a passagem do oceano também estimularam a emigração.

O aparecimento dos grãos transatlânticos criou uma inesperada e grave crise na agricultura européia. A resposta para esta situação variou de país para país. Na Inglaterra praticamente nada foi feito, levando a produção agrícola ao declínio. A agricultura dinamarquesa mudou da

produção de grãos para a pecuária, o que melhorou radicalmente sua posição, encontrando um mercado seguro na Inglaterra, já que a competição transatlântica era impedida pela carência de navios equipados para refrigeração.

Seguindo o exemplo da Áustria e Alemanha, a maioria dos países europeus recorreu à proteção agrícola tanto quanto possível.

A crise na agricultura não levou a uma permanente deterioração nos níveis de vida de sua população. Por volta de 1880, houve uma queda absoluta nos salários dos trabalhadores agrícolas, assim comparativamente aos salários industriais. Por outro lado, a situação melhorou consideravelmente, muito antes da virada do século, possivelmente por causa da emigração que a precedeu.

A concorrência de grãos norte-americanos de modo algum interrompeu o crescimento da produção agrícola sueca. Entre 1866-70 e 1936-40 a produção de cereais mais que dobrou (HEKSCHER, 1968).

No início do século XIX e, especialmente, por volta de meados do século, a produção agrícola tendeu a crescer mais rapidamente do que a população, criando assim um excedente de exportação considerável, que, no caso da aveia, persistiu durante todo o período subjacente.

Apesar das tarifas, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, as importações de trigo subiram para aproximadamente o mesmo nível de produção interna. Esta foi a principal causa da aguda escassez de cereais durante a guerra. Após o fim desta, a situação mudou completamente, em parte devido ao apoio do governo em uma escala sem precedentes, e em parte como resultado da aplicação da pesquisa agrícola. Por conseguinte, a Suécia alcançou a auto-suficiência no que diz respeito aos grãos demandados às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

A reforma das técnicas agrícolas começou muito antes da Primeira Guerra Mundial, com o uso de fertilizantes artificiais combinados com análises científicas de solo, drenagem, sistema de rotação de culturas. Quanto à produção de leite e produtos laticínios houve um grande avanço

com a introdução de técnicas científicas, aprimorando a qualidade e as formas de armazenamento.

Direta ou indiretamente, o governo desempenhou um papel importante nesta transformação através da concessão de subsídios, e especialmente pelo emprego de uma equipe crescente de trabalhadores de pesquisa agrícola. Além disso, havia sociedades agrícolas patrocinadas pelo Governo. Em certa medida, as contribuições feitas pelos trabalhadores de pesquisa tenderam a ser essencialmente tecnológicas, negligenciando considerações econômicas, apesar de alguns acordos também terem sido feitos para ensinar técnicas de contabilidade e economia agrícola.

## **CAPÍTULO II- A DESINTEGRAÇÃO DA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX**

O século XIX assistiu ao aparecimento de uma ordem econômica internacional capitaneada pela Inglaterra e que era tida como extremamente eficaz e estimuladora do livre-comércio. Duas guerras mundiais deixaram pouco desse mecanismo complexo, mas extremamente eficiente economicamente.

### **2.1 - O Início do século XX: Um Paralelo**

O nacionalismo econômico tendeu a deslocar as simpatias prevalecentes em favor do livre comércio no intercâmbio internacional que surgiram durante o século XIX. A necessidade de auto-suficiência na guerra implicou a auto-suficiência em paz e a eliminação da concorrência externa estimulou o crescimento do monopólio. Acima de tudo, os poderes do Estado foram imensamente reforçados, tanto pela mudança tecnológica e a tendência à grandeza quanto pelas exigências de guerra.

O sistema econômico foi o resultado das condições decorrentes do século XIX. A eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, marca o seu aparecimento. No final da guerra e da depressão que se seguiu, surgiu um desejo quase unânime de se retornar às condições do pré-guerra e de se reconstruir o que havia sido destruído, mas este movimento não seria nada fácil.

O novo padrão-ouro repousava sobre bases mais precárias do que o antigo; obstáculos importantes a liberalização do comércio exterior sobreviveram à guerra; o desemprego era maior do que antes de 1914, e restrições às migrações internacionais e aos movimentos de capitais serviram para manter e enfatizar as diferenças nas condições econômicas (HECKSHER, 1968).

No entanto, na década de 1920 viu-se a última tentativa de restaurar o sistema econômico liberal, que logrou notável sucesso no século anterior. A Grande Depressão, que ocorreu no final da década, deu o golpe de morte ao antigo sistema.

Foi provavelmente muito importante que os Estados Unidos, que tinham sido considerados o grande exemplo de sucesso do capitalismo, e que ao contrário da maioria dos países europeus

tinha saído da crise do pós-guerra relativamente inabalado, desta vez foi afetado pelo menos tão fortemente como a Europa; assim, tinha sido abalado o testemunho mais forte em favor de uma economia de *laissez-faire*.

O desemprego, que já tinha sido elevado ao longo dos anos vinte, foi imensamente aumentado na Depressão.

#### **a) A Primeira Guerra Mundial**

A Suécia, como todos os outros países exceto possivelmente a Alemanha, não estava preparada para uma guerra quando a Primeira Guerra Mundial se apresentou.

Com a proteção agrícola e industrial presente desde 1888, era esperado que o país se tornasse mais auto-suficiente, o que até certo ponto provavelmente aconteceu. Porém nada havia sido feito especificamente com o objetivo de prever as exigências de um bloqueio. Nenhum estoque considerável havia sido feito, nenhuma legislação de emergência havia sido preparada, e muito menos programas econômicos elaborados

Durante a guerra, a mais séria escassez criada pelo bloqueio dos aliados foi na alimentação. Nos últimos anos antes da guerra, um quarto de todos os cereais consumidos era importado, alguns alimentos como: milho, farelos, e rações, vinham exclusivamente do exterior, assim como os fertilizantes. Estima-se que a deficiência nutricional produzida pelo bloqueio foi da ordem de 22,5% do total de alimentos consumidos durante os últimos anos antes da guerra.

O Governo Sueco adotou uma política de estrita neutralidade durante a Primeira Guerra Mundial. Isto levou a divergências com os aliados, especialmente com a Inglaterra, resultando em restrições à importação e comércio sueco em geral, em princípio, destinado a impedir fornecimentos aos alemães.

A situação alimentar foi melhorada pelo comércio e proximidade com a Alemanha, como se contata através do aumento acentuado do volume das exportações de produtos como animais e gado em relação ao do pré-guerra.

O bloqueio permaneceu em vigor até que foi alcançado um acordo com os Aliados que entrou em vigor somente pouco antes do armistício. As más colheitas - causadas em parte pela falta de fertilizantes - agravaram ainda mais a situação alimentar.

Em relação aos níveis pré-guerra, os preços dos pães, farinha de trigo e cereais subiram duas vezes e meia; dos produtos lácteos, ovos e margarina quatro vezes; enquanto o da carne cinco vezes (HECKSCHER, 1968).

Na Suécia, a guerra em si não causou nenhuma mudança fundamental na ideologia econômica. A economia de guerra foi realmente caracterizada pela intervenção universal do Estado. É importante notar que as medidas de restrição não encontraram oposição dos cada vez mais poderosos grupos de trabalhadores, conquanto socialistas no nome, eles realmente tendiam a apoiar políticas liberais.

#### **b) O Período Entre - Guerras**

No decorrer de 1920, a crise, que no decurso do ano tinha se espalhado por todo o mundo, chegou a Suécia e converteu-se numa uma depressão profunda jamais vista. Foi considerada uma consequência duradoura da guerra, um doloroso e inevitável ajuste para a paz. O retorno às condições do pré-guerra foi perseguido vigorosamente, apesar das tensões consideráveis que ele gerou.

O desemprego encontrava-se extremamente alto em relação aos padrões suecos, e foi combatido com medidas destinadas a promover a absorção de mão-de-obra por parte da iniciativa privada. A política de desemprego foi resultado da aliança entre todos os grupos políticos e a política de livre-comércio apoiada pela coalizão entre socialistas e liberais. Assim, a Suécia foi capaz de retornar ao padrão-ouro a frente de todos os outros países europeus.

Durante a década de 1920, a evolução na Suécia foi, em grande medida, similar a dos Estados Unidos. Enquanto o resto da Europa lutou com dificuldades consideráveis, a Suécia experimentou um crescimento real, embora a conversão brusca para as condições de paz tivesse resultado em um nível de desemprego maior do que o de antes da guerra.

A Grande Depressão atingiu Suécia relativamente tarde, no final de 1930. Em 1931, a Grã Bretanha abandonou o padrão ouro e foi seguida imediatamente pela Suécia. Quanto a política de desemprego da década de 1920, que foi conhecida como o “sistema sueco”, foi abolida em 1933 e substituída pelo fim do controle dos salários, que eram mantidos abaixo do nível do mercado para reduzir o desemprego. A política econômica que tinha sido criada durante a depressão foi essencialmente mantida ao longo dos anos trinta, mesmo além da Depressão.

O rearmamento internacional criou uma forte demanda pelos produtos de exportação suecos, como minério de ferro, aço, celulose, máquinas. Ao mesmo tempo as classes trabalhadoras conseguiram, em parte pelo fortalecimento dos sindicatos, em parte pelo uso do poder político, adquirir uma parte crescente da renda nacional, o que estimulou as indústrias de bens de consumo. As novas políticas foram aplicadas de forma pacífica, causando o mínimo de luta social. Os sindicatos, associações dos empregadores, cooperativas de produtores e consumidores participaram cada vez mais em sua formulação e execução.

### **c) A Segunda Guerra Mundial**

Durante a Segunda Guerra Mundial, e especialmente após a invasão da Noruega e da Dinamarca em abril de 1940, a Suécia foi isolada do mundo exterior para uma extensão desconhecida até então. No entanto, apesar do isolamento prolongado e praticamente completo, a população sueca não sofreu privações semelhantes as da Primeira Guerra Mundial. Embora a situação alimentar fosse séria, nada se comparava a fome dos anos 1917-18.

As experiências da Primeira Guerra Mundial tornaram possível a introdução de racionamento e outros regulamentos num primeiro momento e, assim, economizar os recursos disponíveis desde o início. Um dos fatos mais importantes foi a conscientização do público da necessidade de regulamentação do tempo de guerra e de seu cumprimento, uma vez que os grupos de interesse econômico já se encontravam organizados e acostumados a cooperação com o governo e entre si. Na verdade, este fator provavelmente contribuiu mais do que qualquer outro para a manutenção da estabilidade e da prosperidade relativa.

Em vista de tudo isso, é natural que no final da guerra não houvesse um desejo por mudanças abruptas na política como depois da Primeira Guerra Mundial. A economia de guerra como tal,

de maneira alguma comprometeu o princípio do "planejamento econômico"; ao contrário pode-se argumentar que o planejamento foi precisamente o que fez toda a diferença entre a Segunda e a Primeira Guerra Mundial. Na Suécia, como em outros lugares, houve uma expectativa generalizada de depressão pós-guerra, e as políticas econômicas foram deliberadamente moldadas conscientes disto.

#### **d) A Agricultura**

Desde 1914 um dos fenômenos mais importantes que aconteceu foi a estagnação no crescimento populacional. A taxa de natalidade urbana era maior que a do campo, devido ao êxodo rural dos jovens, mas pelo fato da redução da taxa de mortalidade, a população não deixou de crescer.

A retardação do crescimento populacional foi primeiramente causada pela crise na agricultura, mas o aumento do padrão de vida e o aumento da produtividade agrícola também contribuíram, gerando um excedente agrícola devido ao maior aumento da produtividade agrícola frente ao crescimento da população. Isso fez com que o país se tornasse rapidamente auto-suficiente em grãos, e produtos de origem animal, como manteiga e alimentos lácteos.

Um aumento nas exportações agrícolas era impossível na década de 1930 devido à crise agrícola que se propagou pelo mundo, causando elevações de altas barreiras contra a importação agrícola. Imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, houve uma forte demanda para importação de alimentos em vários países europeus, mas a duração foi curta, fazendo com que o excedente agrícola permanecesse sem solução.

As políticas agrícolas que tiveram início em 1930 incluíram eliminação da competição estrangeira, garantia de preços mínimos e subsídios às exportações. Durante a guerra e posteriormente, o problema era manter os preços abaixo do nível do mercado mundial. Os preços foram retirados quase inteiramente da influência do mercado mundial, e a agricultura se tornou totalmente dependente da política do governo, muito além do que já havia sido outrora.

Mesmo sob proteção estatal, a população agrícola continuou despencando, e em 1940, esta já era menor que a industrial.

**e) O Comércio Exterior, os Movimentos de Capitais e o Padrão de Vida**

A neutralidade que havia poupado a Suécia da devastação da Primeira Guerra Mundial e da desorganização dos anos pós-guerra foi uma das principais razões para a mudança de posição de capital da Suécia. O país se tornou um país rico em comparação com os outros. Durante a guerra a maior parte dos títulos estrangeiros foi repatriada.

Ao realizar empréstimos ao exterior, as indústrias suecas recebiam concessões para integrarem monopólios.

A exportação de capitais suecos não foi exclusivamente sob a forma de empréstimos. Na maior parte, as subsidiárias suecas de empresas nacionais no exterior foram formadas com capital e gestão suecos. Em grande medida, este investimento direto foi conseqüência de barreiras tarifárias no exterior. As atividades das companhias suecas pelo mundo foram bruscamente interrompidas pela Segunda Guerra Mundial, o que tornou difícil sua reconciliação após o fim da guerra, assim como as exportações.

Até 1950, as duas principais commodities - a celulose e o aço - não conseguiram recuperar seus níveis pré-guerra. A principal razão diz respeito ao rompimento da relação do país com os dois principais parceiros comerciais, a Alemanha e a Grã Bretanha, dado que o desaparecimento temporário da Alemanha da economia mundial criou sérias dificuldades.

## **CAPÍTULO III – POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO**

Diante do atual padrão de Welfare State encontrado na Suécia, discrepante da maioria dos outros países, este capítulo visa abordar as políticas, parcerias e alianças adotadas por este país para a chegada do nível sócio-econômico compreendidas desde o final do século XIX até o período entre - guerras.

### **3.1 - O Intervencionismo Incipiente do Estado**

Esta seção visa apresentar a importância da intervenção do Estado - ainda em um momento inicial - através de políticas de proteção tarifária e de subsídios no desenvolvimento industrial sueco, regulamentações trabalhistas, intervenções em setores diversos da economia com alianças entre Estado e setor privado numa extensão sem paralelos até então.

#### **3.1.1 - As Políticas Comerciais Protecionistas e de Subsídios**

Apesar da reputação, defendida pela atual ortodoxia, de ser um país que adota o livre-comércio e que por isso ter chegado aonde chegou, a história nos mostra que este não foi o regime adotado ao longo do tempo.

Já na época das guerras napoleônicas, foi promulgada em 1816 uma lei tarifária com intuito de proibir a importação e a exportação de alguns itens, como de algodão. Conseqüentemente tem-se um grande aumento da produção de vestuário fabricado com este tecido no país, desenvolvendo a indústria de lanifícios. Conforme aponta Heckscher (1968):

*“Among the other industries the textile industry is of special interest [...] its growth was undoubtedly promoted by the tariff protection the industry enjoyed in the nineteenth century.” (p.232)*

Este regime de adoção de políticas protetoras da economia nacional foi adotado por vários países durante seu processo de desenvolvimento industrial, como foi o caso da Grã Bretanha frente à indústria de lã mais avançada da Bélgica.

Por volta de 1880, a Suécia passou a adotar tarifas protetoras ao seu setor agrícola diante da concorrência norte-americana. O país ofereceu proteção tarifária e subsídios à indústria, sobretudo ao setor da engenharia que se encontrara em processo incipiente. Já em 1913, o índice

das tarifas dos produtos manufaturados se achava entre os mais altos da Europa em grau de proteção à indústria.

Devido a essa adoção de práticas protecionistas, a economia teve um desempenho fortemente favorável nas décadas seguintes, conforme atesta Chang (2004):

*“Graças a essa guinada rumo ao protecionismo, [...] calcula-se que o país, superado apenas pela Finlândia, teve o segundo crescimento mais rápido (em termos de PIB por hora de trabalho) entre as dezesseis maiores economias industriais, de 1890 a 1900, e o mais rápido de 1900 a 1913.” (p. 76)*

Esta política obteve grande sucesso ao ser combinada com a concessão de subsídios, estímulo a novas tecnologias e apoio a Pesquisa e Desenvolvimento dando estímulo a certas indústrias nascentes no final do século XIX.

Concomitantemente tem-se o desenvolvimento de políticas de incentivo à exportação com remoção de barreiras legislativas, cotas e de leis de restrições ao comércio interno. Houve um significativo aumento das exportações favorecidas pelo fato de a maioria dos produtos serem de origem florestal (4/5 do total) e o restante composto por minério de ferro, ferro e aço, sendo essenciais para o resto do mundo (SASSON, 1996).

Nenhuma mudança significativa na política tarifária ocorreu até que houvesse um notável aumento na competição com os grãos americanos fazendo com que as tarifas agrícolas fossem seguidas em 1892 por um aumento nas tarifas dos bens industriais. Conforme descrito por Montgomery (1978), a política industrial sueca foi desenhada seguindo o sistema alemão de tratados protecionistas que produziu aumentos nas tarifas industriais.

Não apenas proteção tarifária, mas proibição de importações foram observadas nas políticas comerciais suecas no início do século XIX. Na verdade, isso não proibiu completamente a entrada dos bens proibidos, mas os custos do contrabando serviram de barreira tarifária.

Um campo onde todas as evidências sugerem que o protecionismo é um fator vital é a organização industrial. O efeito do protecionismo é o de isolar o mercado doméstico da competição estrangeira, facilitando assim a formação de cartéis e encorajando o uso de preços

de monopólio para manter o nível de preços mais alto possível sob proteção tarifária, sendo uma prática muito presente na Suécia. O crescimento de cartéis foi característico dos anos finais antes de 1914 no país, assim como no mundo, ganhando forças depois da guerra, na transição de uma economia basicamente competitiva para uma amplamente monopolística.

Para muitos, a exportação foi a chave para a recuperação da Depressão dos anos 1930, conforme descrito por Weir e Skocpol (1985):

*“Today, most analysts agree that the early revival of Swedish exports in the 1930’s, rather than the Social Democratic program of deficit spending for public works, was the primary cause of the country’s relatively rapid recovery from the depression.” (p. 131-2)*

Estas medidas não foram os únicos instrumentos para o fomento do desenvolvimento industrial. Um dos principais mecanismos adotados foi o da parceria público-privada nunca antes vista no mundo.

### **3.1.2 - As Parcerias Público-Privadas**

A partir da década de 1850 houve grande envolvimento do Estado para desenvolvimento do país, através de políticas de irrigação, drenagem e financiamento para a agricultura, além de parcerias no setor de telefonia, telegrafia e energia hidroelétrica.

O Estado também se empenhou na concessão de bolsas de estudo e pesquisa com pagamento de salários para obtenção de tecnologia externa avançada, até mesmo sob a forma de espionagem industrial no final do século XIX. Tal estratégia contribuiu para o sucesso inicial do desenvolvimento industrial sem precedentes no mundo (CHANG).

Freqüentemente é defendida a idéia de que a cooperação técnica de longo prazo com estatais da indústria infra-estrutural ter sido essencial para que empresas modernas como a Ericsson (telefonia) e Asea (equipamento ferroviário e de engenharia elétrica) se alçassem ao nível internacional (CHANG; KOZUL-WRIGHT, 1994, p.869-70; BOHLIN, 1999, p.153-5).

Quanto à educação, a colaboração do Estado se deu através da criação de institutos de pesquisa tecnológica e de transferências para indústrias de verbas diretamente destinadas à pesquisa.

A industrialização procedeu-se rapidamente movida por parcerias estatais ao setor privado, tanto pela concessão de subsídios, quanto pelos financiamentos. Em 1870, 72,4% da população estava engajada em ocupações ligadas à agricultura, em contraste a 14,6% em manufatura e mina. Em 1910 o quadro alterou-se para 48,8% em agricultura e 32% na indústria (DAVIDHEISER, 1992).

### **3.2 - Regulamentações Trabalhistas**

Outro fato importante observado foi a regulamentação trabalhista. O trabalho infantil se disseminou nos países atualmente desenvolvidos durante seu processo de industrialização.

Na Suécia até 1837 se empregava crianças de cinco ou seis anos. Em 1846, foi aprovada no país uma lei que proibia o trabalho de menores de doze anos. Já em 1881 reduziu-se para seis horas a jornada infantil. Em 1990 se estabeleceu uma fiscalização especial para impor de fato as leis outrora estabelecidas, fazendo cair para dez horas a jornada de adolescentes entre treze e dezoito anos (HADENIUS, 1996).

Também se observam longas jornadas de trabalho adulto na Suécia nesta época, como observadas por Ha-Joon Chang (2004): “Na Suécia, a média foi de onze - doze horas até a década de 1880 e, [...] podia alcançar dezessete horas em algumas ocupações, principalmente na panificação.” (p.185). Apenas na metade do século XIX surgiram legislações para regulamentar a duração do trabalho diário adulto.

O movimento trabalhista sueco tinha se tornado um dos mais fortes na Europa com estabelecimento de sindicatos e a habilidade de conduzir greves devido ao fato do contato e das cooperações e apoio financeiro de um grande número de trabalhadores.

Sindicatos apareceram a partir da década de 1880. Em pouco tempo organizaram-se e expandiram-se a nível nacional, crescendo rapidamente, mesmo com obstáculos nas áreas rurais e particularmente na indústria madeireira.

Em 1898, Landsorganisationen, a Organização Nacional Trabalhista, foi estabelecida após somente duas décadas de atividade sindical. Neste momento os trabalhadores encontravam-se

muito melhor organizados do que os empregadores, que muitas vezes lidavam diretamente com os sindicatos. Quatro anos mais tarde, os empregadores criaram a Associação dos Empregadores Suecos (Svenska Arbetsgivarföreningen), completando, assim, o padrão de organização do mercado de trabalho sueco (HANSSON, 1930, p.39; HECKSCHER, 1968, p. 235).

Segundo Montgomery (1978): *“Today the Swedish labor force is more completely organized than those of most other countries”* (p.139); em consequência, a livre competição praticamente desapareceu do mercado de trabalho, mas inesperadamente, o resultado no mercado de trabalho das duas fortes organizações foi a redução do conflito social até seu fim. Esta reorganização no mercado de trabalho foi provavelmente a mais notável mudança ao longo do século XIX, estando o governo e a legislação ausente neste desenvolvimento.

Em 1920 foi estabelecida uma lei que limitava a quantidade de horas trabalhadas para quarenta e oito horas por semana para toda a economia. Sem a proteção tarifária, a indústria sueca foi forçada a se modernizar, aumentando os níveis de produtividade e fazendo com que mesmo com a redução da carga de horário trabalhada a produção aumentasse.

Em 1924 mesmo com a carga horária de quarenta e oito horas por semana, a produção foi mais alta que antes da guerra. De 1929-30 foi 50% maior que em 1913 e em 1938 foi 134% mais alta, isto levou uma elevação do nível dos salários em toda a economia (HECKSCHER, 1968).

Na década de 1930 a política governamental promoveu o crescimento e formação de sindicatos, enquanto a legislação, ao contrário de em muitos outros países, nunca impediu este movimento. Na luta contra a depressão, o governo assentou grande parte da mão-de-obra desempregada em obras públicas, onde não ameaçavam os salários atingidos por negociação coletiva.

Estas instituições sem dúvida aprimoraram a qualidade de vida e a regulamentação dos trabalhadores e crianças, trazendo melhorias para toda a sociedade, sendo essenciais no processo de desenvolvimento industrial do país.

De acordo com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Estocolmo apud Heckscher (1968) a evolução do rendimento nacional e as mudanças nos níveis de consumo na Suécia

foram objeto de uma série de estudos, que, no entanto, cobrem apenas o período posterior a 1860. O rendimento nacional em termos reais aparentemente aumentou cerca de 4,4 vezes entre 1861 e 1914, enquanto o correspondente aumento per capita foi de cerca de 3,1 vezes.

Assim, a renda per capita dos trabalhadores da indústria aumentou em aproximadamente 2,7 vezes no mesmo período, que poderia ser estimado que tivesse aumentado cerca de quatro vezes entre meados do século XIX e a Segunda Guerra Mundial. Embora os dados para o trabalho agrícola sejam menos confiáveis, os rendimentos dos trabalhadores agrícolas parece ter aumentado cerca de 2,3 vezes entre 1861 e 1914.

É evidente que a população agrícola também teve uma participação considerável na melhoria geral das condições de vida no país, que certamente superou a de qualquer outro período semelhante (MONTGOMERY, 1978).

O aumento dos salários reais foi provavelmente mais rápido que em qualquer outro país na Europa, além disso, o desemprego desapareceu quase por completo. Vale destacar que o aumento da segurança e assistência social tem beneficiado principalmente os trabalhadores, aumentando sua renda total. Finalmente, devido ao declínio no tamanho médio da família, a renda per capita cresceu ainda mais rapidamente.

O aumento dos níveis de vida foi especialmente notável na habitação, algo muito desejado, uma vez que no início do século esta tinha sido uma área negligenciada em comparação com outros países. Posteriormente houve a melhoria das condições de vida na agricultura obtendo todas as regalias das cidades, sendo neste caso, totalmente dependente das medidas governamentais de proteção à rentabilidade agrícola.

## CAPÍTULO IV – O Partido Social Democrata Sueco e as Mudanças na Economia

A seção em questão trata da década de 1930, marcada pela Depressão Mundial. Nesta época observam-se lideranças políticas reformistas em alguns países, como no caso sueco. Como fatos principais serão abordados a vitória do Partido Social Democrata na Suécia e todas as mudanças subsequentes desencadeadas no país.

### **4.1 - Política Salarial e Desenvolvimento Industrial**

A Suécia foi um dos lugares onde se observaram as respostas mais audaciosas para a crise da década de 30 através das lideranças políticas reformistas.

Em 1932 a política econômica sueca viveu uma transformação significativa com a vitória do Partido Social Democrata nas eleições de 1932 e a celebração do “pacto histórico” entre os sindicatos e a associação patronal em 1936, onde os empregadores financiavam elevados investimentos e um governo de *Welfare State* em troca de reivindicações salariais moderadas por parte dos sindicatos e a não realização de greves. Como descrito em Sassoon (1996):

*“The Trade Union Confederation entered into a pact with the employer’s association [...] which established collective bargaining and a code of practice for the regulation of industrial relations. [...] The unions accepted the management’s right to manage, while the employer’s association recognized the union’s right to present the workers. It survived as the basis of industrial relations in Sweden until the 1970s.” (p. 44)*

Este pacto foi possível pela alta organização dos trabalhadores industriais suecos em uniões industriais e um partido político, diferente do restante dos outros países.

Para contornar o desemprego, o governo empregou o grande contingente de desempregados em serviços públicos, onde não ameaçavam o nível de salários alcançados pela negociação coletiva (HECKSCHER, 1968).

Paralelamente foram realizadas intervenções nas indústrias com intuito de promover a mobilidade dos trabalhadores, tendo como consequência um upgrade industrial.

Buscou-se a uniformização salarial para o mesmo tipo de mão-de-obra em todas as indústrias, fazendo com que houvesse um aumento de estoque de capital ou redução de trabalho nos setores mal remunerados, e retenção de lucros extras e expansão acelerada por parte dos outros setores. Foi adotada uma política ativas de incentivo ao trabalho com reciclagem e realocação da mão-de-obra dispensada no processo.

*“Aceita-se amplamente que tal estratégia contribuiu para o sucesso do desenvolvimento industrial sueco nos primeiros anos do pós-guerra. [...] A estratégia sueca de upgrading industrial no pós-guerra, baseada na combinação da barganha salarial solidária com a política de mercado de trabalho ativo, é consideravelmente diferente das adotadas pelos outros países aqui discutidos.”* (CHANG, 2004., p.79)

Toda esta estratégia contribuiu para o sucesso inicial do desenvolvimento industrial sueco e foi ímpar em relação às políticas adotadas nos outros países.

#### **4.2 - Políticas de Emprego**

No poder, o Partido Social Democrata promoveu um regime caracterizado por altos níveis dos gastos públicos - mesmo sob o risco de déficits públicos - como solução emergencial para permitir a recuperação econômica nacional e gerar empregos.

Desenvolveram programas empregatícios com pagamento abaixo da média salarial para contornar o problema crônico de desemprego que se encontrava no início da década de 1930.

*“The unions demanded government efforts to put the jobless to work. So between 1933 and 1935 the Social Democrats implemented emergency and public works that employed an average of sixty thousand workers and gave another thirty-five thousand.”* (FRIEDEN, 2006, p.231)

Necessitava-se de medidas além da política monetária expansionista para a recuperação dos níveis de emprego. Assim foram criadas obras públicas, administradas pelo governo para alocação da mão-de-obra desempregada, estimulando a demanda dos consumidores, além do estímulo aos investimentos privados e políticas de reemprego, promovendo o bem-estar social e o pleno-emprego.

Em 1934 o governo adotou o Seguro-Desemprego além de outras medidas de benefício social como o Programa Nacional de Seguro-Saúde, com proteção à maternidade e à infância, almoços em escolas subsidiados, pensão para idosos, férias remuneradas e construção de casas para os mais pobres. Famílias grandes também eram beneficiadas, assim como casais recém-casados recebiam empréstimos do governo.

#### **4.3 - O Partido Social Democrata**

As idéias do Partido Social Democrata (PSD) eram de fato revolucionárias. Portanto, para que fossem implementadas o PSD necessitaria de apoio extra no Parlamento. Apesar de ter maioria parlamentar em 1932, o partido não era capaz de convencer os Liberais em relação aos gastos propostos. Dada a rejeição, o partido aliou-se ao Partido Agrário formando uma coalizão para inclusão da agricultura.

Ao contrário da experiência dos Democratas nos Estados Unidos, onde coalizões foram feitas com os trabalhadores industriais do norte excluindo a agricultura do sul, a inclusão realizada pelo PSD da agricultura foi possível devido à mudança de idéia do Estado em relação aos mercados agrícolas.

Uma mudança crucial do ponto de vista do Estado em relação à economia foi de fato produzida pela ação dos agricultores ao invés dos trabalhadores. Para os produtores agrícolas, como também trabalhadores desempregados, a Depressão significou queda dos preços dos seus produtos na medida em que a situação dos mercados simplesmente não seria sustentável.

A Associação Geral da Agricultura enviou uma proposta ao Governo Liberal em 1932 sugerindo que a organização tivesse o direito garantido de formar um cartel dos produtores com um piso para o preço do leite, deste modo alterando o mercado até então livre.

O Governo Liberal, que até então tinha como seus pilares ideológicos o livre-mercado e comércio internacional para restaurar a economia sueca, assim como o PSD, pareceu agora estar pronto a contemplar a possibilidade de ignorar o mercado.

Dada a prioridade do intervencionismo, as mesmas idéias que dominaram a intervenção no mercado agrícola foram rapidamente estendidas para cobrir a regulação do mercado de trabalho. Afinal, era de suma importância resolver o problema da queda dos preços da agricultura através da suspensão dos mecanismos de mercado. Esta intervenção no mercado agrícola serviu para alcançar a estabilidade dos preços (HECKSCHER, 1968).

O fato mais importante a ser destacado, foi que esta intervenção tornou possível a subsequente coalizão com agricultores já que seus interesses eram comuns aos da classe trabalhadora.

Esta reinterpretação do que seria possível em nome da legítima busca da manutenção do emprego e da renda pela via da regulação do mercado foi crucial já que colocou todos os participantes do mercado na mesma posição.

Seguindo as novas idéias econômicas, em 1933 o PSD propôs um orçamento de 160 milhões de coroas suecas para obras públicas. Dada a oposição parlamentar, o partido teve que se aliar ao meio agrário para conseguir a aprovação do *Riksdag* (Parlamento Sueco).

O PSD reformulou os interesses dos agricultores e trabalhadores utilizando as novas idéias econômicas disponíveis. Em 1932 era defendido pelo então Ministro das Finanças, Ernst Wigforss, que o aumento do poder de compra também significaria aumento da demanda por produtos agrícolas, já que a melhoria do poder de compra da classe trabalhadora também beneficiaria a agricultura sueca (BLYTH, 2002).

Com esta ligação explícita o PSD foi capaz de fazer a coalizão entre os agricultores utilizando estas novas idéias para redefinir os interesses coletivos neste período de incerteza. Assim, o partido conseguiu garantir apoio suficiente para conseguir a aprovação do seu pacote orçamentário no *Riksdag*.

Em maio de 1932, do orçamento proposto pelo PSD de 180 milhões de coroas suecas, 100 milhões eram destinados a obras públicas, o que beneficiaria os trabalhadores. Em contrapartida, foram concedidas aos agricultores restrições às importações de produtos lácteos e outras barreiras não - tarifárias com intuito de proteção aos produtos no mercado doméstico.

Assim, a recuperação da economia no início da década de 1930 foi baseada no crescimento da demanda doméstica devido à enorme expansão da construção industrial, facilitada pelo investimento do Estado. Adicionalmente nota-se um crescimento na demanda interna alcançado devido à política agrícola do governo que impulsionou o poder de compra dos agricultores.

A coalizão foi chamada de “*Cow Trade*”, e destinou altas quantias na forma de empréstimos para ajudar os agricultores bem como auxílio para manutenção dos preços dos produtos agrícolas (WEIR & SKOCPOL, 1985). Esta aliança só foi possível por causa das novas idéias econômicas da década de 1930.

O surpreendente do “*Cow Trade*” foi o fato dos trabalhadores aceitarem preços mais altos para os produtos agrícolas enquanto os agricultores aceitaram o aumento dos salários dos primeiros, ou seja, produtos manufaturados mais caros (DAVIDHEISER, 1992).

*“The Swedish policy sequence shows the importance of farmer and labor discontent in creating the conditions for policy and political realignment, of skilled party leadership in taking advantage of that opportunity, and of the capacity of historic antagonists to overcome their differences in a constitutional frame-work.”*  
(GOUREVITCH, 1986, p.135)

Esta aliança foi essencial para produzir o apoio necessário à implantação do programa de bem-estar social pelo PSD, não havendo o favorecimento de determinados setores, fazendo com que ambos os interesses - agrário e urbano- fossem atendidos.

Muitas nações industrializadas se moveram em direções similares. Na Dinamarca e Noruega, poderosos partidos socialistas conduziram alianças entre agricultores e trabalhadores ao poder (FRIEDEN, 2006).

Uma das características mais impressionantes do estado de bem-estar sueco foi a política ativa do mercado de trabalho. A flexibilidade, tanto geográfica quanto comercial da força de trabalho sueca não tem paralelo. Surpreendentemente, esta flexibilidade não foi atingida em oposição aos sindicatos, mas com sua cooperação.

*“The Scandinavian model is marked by homogeneity, continuity, and a high level of organization. Its political features include a state that is both strong and closely integrated with society by means of strong local governments and popular organizations, a tradition of consensual democracy, multiparty systems with strong social democratic and agrarian parties, [...] a state administration with a low level of corruption, and a comparatively high level of efficiency.”*  
(KNUDSEN; ROTHSTEIN, 1994, p.217/218)

Estas características básicas observadas nos países escandinavos tornaram o modelo social ímpar, altamente organizado e homogêneo, justo, sem desigualdades sociais nem privilégios, e caracterizado por fortes laços entre os governos locais e a sociedade, aumentando sua eficiência e continuidade.

## CONCLUSÃO

Ao contrário de países como os Estados Unidos, a Suécia é caracterizada como sendo de caráter intervencionista, tendo sido poupada do impacto da guerra e de revoluções, e ao contrário do primeiro, em momentos de pobreza rural foi favorecida pelo processo de emigração populacional, o que melhorou o padrão de vida do país. Assim, apesar de sua rápida industrialização, Suécia exibiu em parte do período algumas das características básicas da sociedade pré-industrial.

Os aumentos de produtividade tornaram possível atingir um elevado grau de igualitarismo a um nível bastante elevado de produção, sem infringir drasticamente os rendimentos das classes "superiores". Um instrumento deste igualitarismo foi o desenvolvimento de políticas de bem-estar social. Acima da maioria dos países, a seguridade social se tornou uma instituição aceita. A sociedade se tornou responsável por providenciar um padrão social mínimo para seus membros.

Assim, não é surpreendente que a sociedade sueca esteja longe de ser caracterizada como competitiva. Seus indivíduos estão mais inclinados a progredirem socialmente melhorando a posição do grupo a que pertence, do que se movendo para outro. Pelo mesmo motivo, a sociedade sueca está longe de ser dilacerada pela discórdia e pelo conflito social.

Contrariando a corrente ortodoxa, os fatos históricos nos mostram que a cooperação entre o Estado e a sociedade foi crucial para este processo de desenvolvimento. O compromisso e a cooperação, ao invés da competição, foram os veículos de mudança social. Os sindicatos, associações e organizações atingiram praticamente o controle total sobre os grupos sociais que representam, sendo capazes de cooperar entre si e com os detentores do poder político ao invés de agir como "grupos de pressão".

As Parcerias Público-Privadas disponibilizaram recursos financeiros oriundos do governo, e reduziram o custo da administração pública, aumentando o envolvimento entre as duas esferas, equalizando o controle da economia. A proteção à indústria nascente e a utilização de subsídios

e de tarifas também contraria a corrente de pensamento ortodoxa e nos demonstra que foram essenciais para o desenvolvimento industrial.

Em suma, a característica-chave para o sucesso do *Welfare State* sueco foi a organização de grupos sociais e sua aliança com o Estado, o que mais tarde formaria o “Modelo Escandinavo” de estado e sociedade, modelo que obteve sucesso mundial com eficiência ímpar e benefício geral, sem privilégios de classes ou setores, e que por isso deve ser amplamente estudado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAN, Philip; FERRIS, John.; WHYNES, David K. **In defence of welfare**. Londres: Tavistock, 1985.141p.

BLYTH, Mark. **Great Transformations**: Economic Ideas and Institutional Change in the Twentieth Century. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 2002. p.110-2.

BOHLIN, J. Sweden. The Rise and Fall of the Swedish Model. In: FOREMAN-PECK, J.; FEDERICO, G. (Ed.) **European Industrial Policy – The Twentieth-Century Experience**. Oxford. Oxford University Press, 1999. p.153-5.

BONOW, M., **The Consumer Cooperative Movement in Sweden**. Annals of the American Academy of Political and Social Science. 1938; 197. p 171-184. Disponível em: <http://ann.sagepub.com/cgi/reprint/197/1/171>. Acessado em 25 de janeiro de 2010

CHANG, Ha-Joon. **Kicking away the ladder**: development strategy in historical perspective. London: Anthem, 2002. p.74-80.

CHANG, H.-J.; KOZUL-Wright, R. Organising Development: Comparing the National Systems of Entrepreneurship in Sweden and South Korea. **Journal of Development Studies**, v.30, n.4, 1994. p.869-70.

DAVIDHEISER, Evenly B. **Strong States, Weak States**: the role of the state in revolution. *Comparative Politics*, v.24, n.4, p.463-475, jul.1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/422155>. Acesso em 19 maio 2008.

DAY, Phyllis J. **A New History of Social Welfare**. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall, c1989. 454p.

FRIEDEN, Jeffrey A. Building a social democracy. In:\_\_\_\_\_. **Global Capitalism: Its Fall and Rise in the Twentieth Century**. New York: W.W. Norton & Company, 2006. Cap.10, p.229-250.

GOUREVITCH, Peter. **Politics in hard times: Comparative Responses to International Economic Crises**, Ithaca, Cornell University Press, 1986. p.133-5.

HADENIUS, S.; NILSSON, T.; ASELIUS, G. **Sveriges Historia**. Stockholm: Bonnier Alba, 1996. 86p.

HECKSCHER, Eli F. (Eli Filip). **An economic history of Sweden**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, c1968. p.209-283.

KAUTTO, Mikko. EBRARY, INC. **Nordic social policy: changing welfare states**. London; New York: Routledge, 1999. 306p.

KNUDSEN, T.; ROTHSTEIN, B. **State building in Scandinavia**. Comparative Politics, v.26, n.2, p.203-220, jan.1994. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/422268>. Acesso em: 16 maio 2008.

MONTGOMERY, G.A. **The rise of modern industry in Sweden**. Ann Arbor, Mich.: Univ. Microfilms, 1978. p. 119-207.

MYRDAL, Gunnar. **Beyond the welfare state: economic planning and its international implications**. New Haven : Yale University Press, 1960. 287p.

SASSOON, Donald. **One hundred years of socialism**, London: I. B. Taurus, 1996, p. 41-48.

SEN, Amartya Kumar. **Collective choice and social welfare**. San Francisco: Holden-Day, 1970. 225p.

THOMAS, D. S.. **Social and economy aspects of Swedish population movements, 1750-1933**. New York: The Macmillan Company, 1941. Tabela 7.

WEIR, Maragret; SKOCPOL, Theda. State structures and the possibilities for 'Keynesian' responses to the Great Depression in Sweden, Britain and the United States. In: EVANS, Peter B. (Ed.). **Bringing the state back in**. London: Cambridge University Press, 1985, p. 107-163.